

**GOVERNO DO ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE ESTADO DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
CARLOS ALBERTO REYES MALDONADO
UNEMAT CAMPUS UNIVERSITÁRIO DEP. RENÊ BARBOUR
LICENCIATURA INTERCULTURAL INDÍGENA**

POMERQUENPO TXICÃO

FASES DA VIDA IKPENG

**Barra do Bugres
2016**

POMERQUENPO TXICÃO

FASES DA VIDA IKPENG

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Universidade do Estado de Mato Grosso-UNEMAT, *Campus* Universitário Dep. Est. Renê Barbours, como requisito parcial para obtenção do título de graduado em Ciências Sociais.

Orientador: Prof. Me. Luciano Pereira da Silva

FICHA CATALOGRÁFICA

CIP – CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO

T968f TXICÃO, Pomerquempo.

Fases da vida *Ikpeng* / Pomerquempo Txicão. – Barra do Bugres, 2016.

39 f. ; 30 cm. (ilustrações) II. (colorido).

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Curso de Graduação Licenciatura Intercultural Indígena, Faculdade Intercultural Indígena, Câmpus de Barra do Bugres, Universidade do Estado de Mato Grosso, 2016.

Orientador: Prof. Me. Luciano Pereira da Silva.

1. Comunidade *Ikpeng*. 2. Fases da Vida. 3. Práticas Culturais. I. Silva, L. P. da, Me. II. Título.

CDU 572.9(=81/=82)(817.2)

POMERQUENPO TXICÃO

FASES DA VIDA IKPENG

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Banca Avaliadora do Curso de Licenciatura Intercultural – UNEMAT, Campus Universitário Dep. Renê Barbour como requisito para obtenção do título de Licenciado em Ciências Sociais.

Barra do Bugres, 27 de abril de 2016.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Me. Luciano Pereira da Silva
Professor Orientador

Prof. Me. Francisco Forte Stuchi
Professor Avaliador

Prof.^a Dr.^a Regiane Cristina Custódio
Professora Avaliadora

**Barra do Bugres
2016**

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho aos meus pais que contribuíram e incentivaram a concluir meus estudos e trabalho, deixando muita saudade durante a realização deste curso.

Aos alunos pela cooperação, participação e confiança que tiveram.

À comunidade toda, pela colaboração, apoio e oportunidade de estarem dispostos à meu entrevista e pesquisa.

Aos meus filhos: Parikutu Tapakari Txicao, Kayualu Yawatenu Txicao, Kayana Kayanalu Txicao, Tximairu Txicao, Mawanalu Katiparu Txicao e Irīwa Natalu Txicao Por isso, eu me orgulhoso de ser o pai de vocês.

À minha esposa, Kanairu Ikpeng, que me apoiou e me incentivou na realização e conclusão deste trabalho.

AGRADECIMENTOS

Agradeço com muito carinho a equipe do projeto de 3º Grau Indígena, que apoiou as atividades das etapas intermediárias e intensivas, especialmente, ao professor Dr. Adailton Alves da Silva, coordenador do projeto.

Agradeço também aos anciãos Ikpeng, agradeço, principalmente, ao professor Me. Luciano Pereira da Silva pela sua disposição em ajudar na realização deste trabalho.

Agradeço os colegas de trabalho, aos professores Ikpeng, que muito contribuíram na parte de organização do trabalho.

Agradecemos aos alunos da Escola Indígena Estadual Central Ikpeng (*Amure*) que também contribuíram no trabalho.

RESUMO

Esta pesquisa objetivou analisar as práticas culturais nas distintas fases da vida do povo indígena Ikpeng que vive nas aldeias *Moygu*, *Arayo*, *Rawo* e *Tupara* da Terra Indígena do Xingu, estado de Mato Grosso. A metodologia adotada foi da observação, entrevista e análise de imagens para identificar e conhecer aspectos das relações sociais estabelecidas entre os Ikpeng. Foram estudadas as concepções societárias da pessoa Ikpeng nas seguintes fases: gravidez, nascimento, cuidados e aprendizados dos filhos para andar, falar, comer e brincar. Ressalta-se a importância de cuidar dos filhos para que vivam de forma saudável e respeitar as regras de convivência na cultura da criança.

Palavras-chave: Comunidade Ikpeng. Fases da vida. Ciências Sociais.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 –	Mapa da terra Indígena do Xingu –MT.....	10
Figura 2 –	Localização da Aldeia Moygu e Posto Indígena Pavuru	11
Figura 3 –	Casa tradicional do Parque Indígena do Xingu, Habitação Ikpeng.	13
Figura 4 –	<i>Ikpeng Murangmo</i> (Filhos dos <i>Ikpeng</i>) Enfeites: Dente de capivara, Enfeites dos braços	13
Figura 5 –	<i>Etpamte</i> (Recém-nascido)	16
Figura 6 –	Criança com 1 ano de idade começando a andar	20
Figura 7 –	Furação de Orelha	21
Figura 8 –	Criança brincando em casa.....	22
Figura 9 –	Fotos do menino sendo tatuado.....	23
Figura 10 –	Crianças Ikpeng Dançando na Festa Moygo.....	25
Figura 11 –	Crianças Ikpeng enfeitadas para a festa	28
Figura 12 –	Criança com cocar de pena de garça e colar de dente de capivara	30

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
CAPÍTULO I – TXIMNA (NÓS).....	12
CAPÍTULO II – AS FASES DA VIDA	14
2.1 <i>Yukeni</i> (bebê em formação na barriga da mãe).....	15
2.2 <i>Etpamte</i> (recém-nascido)	15
2.3 <i>Engkwamte</i> – quando começa a andar (1 e 2 anos de idade).....	19
2.4 <i>Festa Moyngo</i>	23
2.5 <i>Angpi</i> : criança começa a andar (até os 11 anos).....	28
2.6 <i>Yanowante</i> : (entre 11 e 12 anos).....	29
2.8 <i>Angpokeptu</i> : Fase dos 60 anos	31
2.9 <i>Ekiri</i> : Fase de 80 anos.....	31
CAPÍTULO III – ASPECTOS DA CULTURA DA CRIANÇA.....	33
3.1 Regras relacionadas às crianças pequenas	33
3.2 Os cuidados necessários para garantir um bom crescimento e formação da criança: a comida certa para a criança do nascimento até aprender a comer	34
3.3 As doenças mais comuns das crianças segundo o conhecimento do povo.....	35
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	37
REFERÊNCIAS	38

INTRODUÇÃO

O objetivo da pesquisa é analisar as diferentes fases da vida da pessoa Ikpeng junto a anciões e anciãs da comunidade Ikpeng da Aldeia *Moygu*, Terra Indígena Xingu, município de Feliz Natal-MT. Pretende-se entender como as diferentes fases da vida ocorrem nos contextos da comunidade e processo de formação humana. Os aspectos abordados referem-se a importância da denominação existente em cada fase de vida, para que sejam conhecidas, registradas e fortalecidas comunitariamente. A pesquisa foi desenvolvida nas casas Ikpeng, as entrevistas foram gravadas e o texto ilustrado e composto de fotos.

Segundo Oporike Ikpeng, nossa origem foi na região litorânea do Pule ou Amazonas. Fizemos uma grande trajetória da origem até os dias de hoje, éramos nômades e, a cada ano, migrávamos para outro território, conforme a necessidade dos recursos naturais que precisávamos e se acabavam. Seguimos os rios Tapajós, Iriri e Teles Pires e durante a trajetória, encontrávamos outros povos indígenas com quem guerreávamos e aprendíamos muitas coisas, como a tecelagem. Nessa época, éramos destemidos e ainda somos, pois no passado atacávamos com frequência as aldeias dos outros povos para adquirirmos panelas de cerâmica, utensílios e crianças.

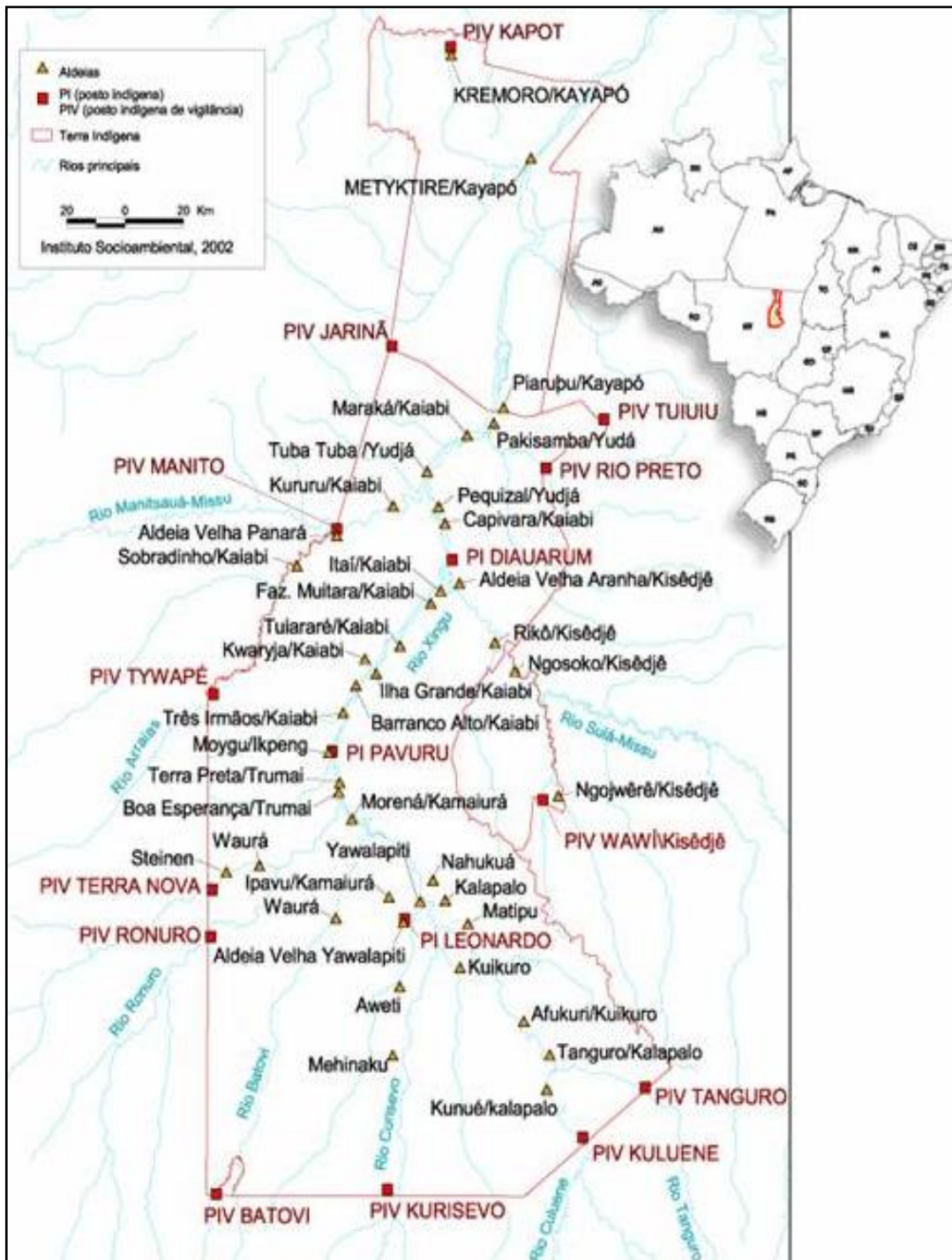
Nessa trajetória, chegamos ao sudoeste do Parque Indígena Xingu, acompanhando o rio Batovi, Roro Walu ou rio Jatobá e Rapyo Akpo ou rio Ronuro. Nesta região, guerreávamos com índios Waurá, Mehinaku, Nafukuá, Trumai e Bakairi, que habitavam o sul do Xingu.

Em meados da década de 1950, fizemos uma última guerra contra o povo Waurá, raptando duas crianças: Kamiru e Txialu. Por sua vez, os Waurá, com armas de fogo obtidas de um branco, nos atacaram e mataram doze pessoas de nossa aldeia na tentativa de resgatá-las.

Algum tempo depois, epidemias de gripe e de sarampo nos adoeceram, trazidas por garimpeiros e aventureiros que invadiram nosso território, dizimaram metade da nossa população segundo Oporike Ikpeng, Kampot Ikpeng e Aire Ikpeng.

Em 1964, tivemos o primeiro contato pacífico com o homem branco, quando os irmãos Orlando e Cláudio Villas Boas vieram até nos oferecendo facões, machados, panelas de alumínio entre outros utensílios. A partir daquele momento, nossa vida mudou muito porque tivemos que nos adaptar a um modo de vida bastante diferente do nosso. (Oporike Ikpeng, Kampot Ikpeng, Aire Ikpeng)

Figura 1 – Mapa da terra Indígena do Xingu –MT



Fonte: <http://www.socioambiental.org/pib/epi/xingu/parque.shtm>.

Figura 2 – Localização da Aldeia Moygu e Posto Indígena Pavuru



Fonte: Acervo do pesquisador, 2015

CAPÍTULO I – *TXIMNA* (NÓS)

Somos o povo Ikpeng falante da família linguística Karib e que também aprendemos o português. Somos cidadãos do mundo lutando por manter nossa identidade, mas abertos ao diálogo com outros povos e com os brancos também. Trabalhamos muito para recuperar nosso território original *Roro Walu* no rio Jatobá, região de Paratinga-MT e para manter viva a nossa floresta, língua e festas, que nos são inseparáveis.

Já tínhamos visto brancos em diferentes lugares, mas nosso primeiro contato com eles ocorreu em 1964. Vivíamos nessa época às margens do rio *Roro Walu* (Jatobá), ao sudoeste do Parque Indígena do Xingu. Os irmãos Villas Boas vieram ao nosso encontro e nos convenceram a mudar para o Xingu porque chegavam intrusos no nosso território.

Quando nos transferiram, cabíamos em uma balsa, os últimos 56 sobreviventes de um povo. Era tudo muito diferente e muito difícil adaptarmo-nos em território de nossos inimigos. Anos depois mudamos pra outra área do Xingu e hoje somos 406 pessoas!

Temos nossa própria organização social e a Associação *Moygu* para representar nossos interesses lá fora. Possuímos nossos professores, agentes de saúde e cineastas Ikpeng e que hoje produzem nossos filmes que viajam o mundo inteiro.

Costumamos ouvir dos brancos: “Mas como, falando português, usando celulares, *macintosh*, *notebook* importado estes ‘índios’ se acham ‘índios’?” Se não nos apropriarmos de ferramentas estratégicas para lidar com os demais brasileiros, de que forma poderíamos hoje lutar pelos nossos direitos?

Somos Ikpeng guerreiros, pescadores de timbó aos sábados, jogadores de futebol aos domingos, carinhosos com crianças, tinosos com brancos, vorazes por beiju com peixe e por aquisição de conhecimento na escola junto com professores e com homem branco (PPP-IKPENG, 2010)

Figura 3 – Casa tradicional do Parque Indígena do Xingu, Habitação Ikpeng.



Fonte: Iokore Kawakum Ikpeng, 2008

Figura 4 – *Ikpeng Murangmo* (Filhos dos *Ikpeng*) Enfeites: Dente de capivara, Enfeites dos braços



Fonte: Iokore Kawakum Ikpeng, 2015

CAPÍTULO II – AS FASES DA VIDA

As informações sobre as fases da vida foram fornecidas por Oporike Ikpeng. A criança ao nascer é chamada apenas de *etpante* ou recém-nascido. Quando seu umbigo cai, reúnem-se os pais, tios, avós paternos e maternos para decidirem quem poderá *eretpanpot* ou “dar o nome”, o qual será escolhido entre aqueles dos seus antepassados. Esta fase se chama *amgpi*.

Se o *etpante* for do sexo masculino, os dois avôs decidem, se for do sexo feminino, são as avós. Hoje em dia, se reúnem raramente, apenas alguns dos avós decidem e pedem autorização para os outros. Tais encontros antigamente tinham por finalidade evitar brigas e ter o consenso nas famílias, porém, hoje em dia, acontecem embates por falta de permissão. A sabedoria antiga era consultar a outra família. A partir desse período, o pai e a mãe e os avós do bebê passam a ser chamados de “pai/mãe e avô/avó da criança (cita-se o nome)”. Quando nasce outro filho, pode-se combinar e mudar os seus nomes (Oporike Ikpeng).

Depois que o *etpante* foi nomeado, o pai pode sair para caçar e trazer apenas *yankia* ou passarinho, por ter espírito muito forte e assim garantir a vida de *etpante*. Esse passarinho é pajé, tem vida longa e não morre fácil, fica protegido embaixo da moita e traz muita energia para *etpante*, podendo ser comido tanto pelos pais quanto pelo *etpante*. Os olhos desse passarinho são pingados nos olhos do *etpante* para que tenha sonhos que sejam verdade. O sonho é um sinal do que vai acontecer.

Depois de três ou quatro meses, os pais podem comer peixe, mas apenas os do córrego e alguns peixes selecionados do lago, como *popruk*, *kaywa*, *kamkit*, *riruk*, *egero* e *kaptukalak*. Essa era a dieta de antigamente, hoje em dia, não é respeitada, as pessoas comem vários tipos de peixe e, além disso, têm relação sexual antes do tempo certo, que interfere no crescimento do *etpante*.

A criança mantém esse nome da queda do umbigo até a *yanowante* ou reclusão, que ocorre apenas na primeira menstruação da menina, ou no caso dos meninos, da faixa de 11 ou 12 de idade, quando os pais optam por isso.

Quando a criança tem cerca de 4 anos, sua orelha é furada e, aos 8 anos, é tatuada no rosto, por ocasião de uma importante “Festa *Moyngo*” para iniciação da criança Ikpeng no rito de passagem, quando os pais escolhem padrinhos para a criança (Oporike Ikpeng). Após fazer a tatuagem, a criança não pode comer peixes gordurosos, piau, macaco, perereba apenas de mandioca doce e não de milho. Também é impedido de mergulhar, falar muito, abrir a boca e passar a mão no rosto, isso para não retirar a tinta do rosto e tornar a tatuagem preta, bem como,

o horário de banho é restrito às seis horas da manhã. Durante esse processo, ela aprende a respeitar seu povo.

A partir dos seis anos, o irmão mais velho já pode ajudar a cuidar do mais novo.

As fases da vida da criança em síntese são: *etpamte* refere-se do nascimento até a queda do umbigo; *amgpi* da queda do umbigo até receber o nome e *yanowante*, período em que recebem o nome até a reclusão (11 ou 12 anos)

2.1 *Yukeni* (bebê em formação na barriga da mãe)

O bebê é cuidado desde a barriga da mãe, o pai já recebe o respeito, chamado *Yukeni Imi* ou pai da barriguinha ou do feto que ainda não tem nome, *Yukeni* é a mãe e chamada de *Yukeni Ye* ou mãe da barriguinha. O mesmo entendimento é observado quando a homem se casa e passa a não ser mais chamado pelo nome, mas sim, como “marido de sua esposa”.

Antigamente essa situação era bem amparada, os pais faziam apenas trabalhos leves e consumiam alimentos leves como os pequenos pássaros *yankia – towtow*, dessa maneira as crianças nasciam e cresciam saudáveis.

Hoje em dia não são cumpridas e não tem se dado mais importância a essas regras, assim como muitas mães que estão saindo para *etpamte* ou parir na cidade por acessarem o ultrassom, e acabarem permanecendo até o nascimento.

2.2 *Etpamte* (recém-nascido)

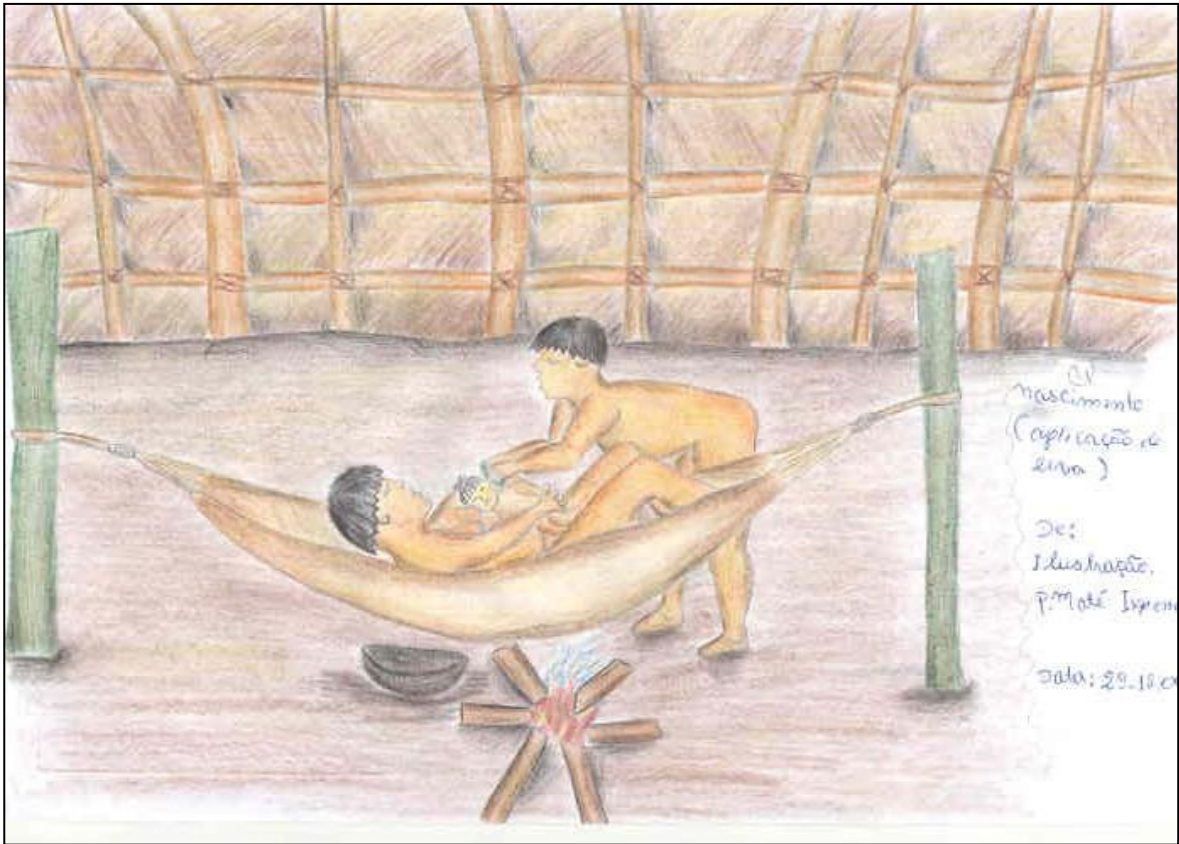
Quando a criança nasce, a avó ou a parteira examina a *imomtxi* ou cabeça, *engru* ou olhos, *ipun* ou pés, *eremtxi* ou pescoço, *empatxi* ou braços, *ipru* ou bumbum e o órgão sexual do bebê, “arrumando” os olhos e o nariz da criança.

Ao nascer, caso o bebê engula o *iwonkuriu* ou líquido, é virado de ponta cabeça pelos pés e recebe palmada suave nas costas.

Após a criança ser examinada pela avó ou parteira, é entregue para a mãe *arakpirem* ou amamentar. Aquela informa que ficará atenta nos cuidados com a filha e a criança. No primeiro dia, após o parto, é a avó que cuida do bebê, pois se a mãe esquecer de tirar o cocô da criança, a pele *kirip etxi ipru wok* ou no bumbum e na coxa ficarão manchadas.

Se a criança nasce com defeito, o pajé usa remédio para que ela não morra e se torne futuro pajé. Por sua vez, a parteira tem que avisar os pais da criança sobre essa ocorrência, pois se não fizer é por possuir culpa

Figura 5 – Etpante (Recém-nascido)



Fonte: na imagem

O *iwonpin* ou cordão umbilical é cortado pela avó para que o sangue escorra mais rapidamente, isso quando detém esse conhecimento e está presente, caso contrário, é a parteira quem realiza esse atendimento. Após ser feito o corte, colocam-se cinzas no umbigo para que seque mais rápido. No primeiro dia, o local não pode ser molhado e diariamente o umbigo é lavado com água e cinzas são colocadas no local.

A parteira não pode tomar banho no rio até o cordão umbilical cair e comer peixe, devendo seguir o mesmo ritual dos pais da criança. Quando a parteira tira a *iwonpin* ou placenta, examina-a conferindo se está inteira, caso isso não ocorra, a mãe toma remédio de planta para eliminar vomitando o restante. A parteira não pode comer antes de jogar a placenta num buraco próximo ao fogo, para que a criança não sinta frio, é onde são colocadas também as cinzas.

No primeiro dia, após o parto, caso a avó indique, tanto a criança quanto a mãe e o pai tomam ervas ou raízes para que a criança cresça e fique forte, nesse caso, os pais não podem comer por 12 horas. Tais remédios são utilizados até a criança começar a engatinhar. A pessoa que fornece o remédio para a criança também percebe se os pais fizeram algo de errado que

fugiu às regras. A criança é banhada diariamente com água morna e os pais não podem banhar-se no rio.

A alimentação dos pais deve ser especial, não podendo comer peixes grandes e carnes de vários tipos de caça, sendo permitido apenas os alimentos indicados pela avó da criança ou de quem forneceu a erva. Durante a sua primeira semana, ela é cuidada pela mãe e pela avó. Para que o bebê se desenvolva mais rápido, a avó fica bastante atenta aos cuidados da mãe. Ambas devem aquecer as mãos e passar pelo corpo da criança todos os dias e depois que ganhar peso torna-se possível tomar remédio para andar logo.

O primeiro cocô da criança é envolvido em uma folha ou “papel higiênico” e enterrado pela avó em um buraco feito no canto da casa, dessa forma, os animais e insetos não podem ingeri-lo. Caso isso aconteça, a criança não crescerá sadia. A mãe só pode desenterrar essas fezes quando a criança possuir cerca de 5 anos, caso isso ocorra antes, a criança adoece e morre.

Durante primeira hora, após o parto, os pais ficam de repouso para não prejudicarem a sua saúde. Se porventura saírem de casa podem ter dores de cabeça ou tonturas. Durante a primeira semana, após o nascimento, a mãe não pode comer alimentos quentes ou peixes, pois prejudica a saúde dos pais ou da criança. Até completar um mês, a mãe pode comer somente caça e, a partir desse momento, também peixinhos.

Caso o pai tome banho no rio antes do umbigo cair, provocará tempestade e terá alergia e só poderá carregar o filho após completar um mês.

Os pais não podem tocar em nenhum objeto ou realizar qualquer atividade, e até o umbigo cair comem apenas mingau e beiju fino que a avó e a irmã preparam, após sua queda são os avós que decidem o que o casal pode comer, geralmente, pássaros pequenos *yankia e towtow*.

O umbigo da criança, ao cair, não pode ser jogado, deve ser colocado em um *maku* ou algodão plantado na roça e colhido pela mulher, sendo coberto com cinzas e trocado semanalmente até ficar duro. Dessa maneira, é guardado por toda a vida em local seguro, bem amarrado com linhas de cores diferentes que permitem sua identificação e tornam-se proteção contra os espíritos.

A avó paterna, ao cair o umbigo, apanha terra vermelha e mistura com resina de uma árvore para passar nos pés, calcanhares e mãos do seu filho para que possa voltar a fazer suas atividades sem problemas, caso contrário, a mão incha e a ferida inflama.

O pai da criança é levado por sua mãe para o primeiro banho no rio, antes de entrar na água, sua mãe joga as cinzas na água para que o pai mergulhe sobre elas e seu cabelo ficará branco, isso faz parte do ritual que o libera para esse banho, caçar e pescar, assim ajudando a

esposa para criança crescer e ficar forte. E sempre que o pai voltar da caça ou da pesca deve tomar banho antes de pegar a criança.

Esse primeiro banho no rio ocorre também com a mãe entre dois a três meses depois e não é permitido a mãe levar o filho para que seu espírito não fique no rio. Após esse primeiro banho, ela pode fazer atividades leves, como preparar peixe e beiju, e também não pode pegar a criança sem antes tomar banho para que ela não adoeça, tenha dor de cabeça e febre.

Nos primeiros três meses, a criança fica apenas na tipoia, quando o pescoço fica mais firme ela pode se deitar no chão. O nascer dos dentes e o bebê segurando a mão da mãe são sinais de querer se alimentar com comida propriamente dita, caso a mãe lhe ofereça alimento antes desses sinais a criança terá feridas na boca.

Quando a criança começa a engatinhar, a mãe já pode pintá-la com *onon* ou urucum e *tariri* ou angelim, que são incorporadas na forma de “pintas” que protegem a criança contra os espíritos que podem fazê-la mal. Caso o pai não esteja presente na hora de pintá-la, os avós e os irmãos mais velhos ajudam a mãe nesse propósito. A mãe, enquanto pinta a criança de cima para baixo, canta cresce logo, vai casar com homem bonito e que gosta de trabalhar, coloca enfeites leves como pulseira de tucum no pulso, joelho e tornozelo e deixa o seu cabelo sempre penteado. Passados cinco anos, a pintura completa já pode ser realizada.

A criança quando engatinha mostra preferência por um determinado local da casa, sendo ele o centro da casa onde a mãe coloca o *angpiepru* ou trave, sendo da altura do bebê tem por função apoiá-lo para que aprenda a ficar de pé sozinho. Quando isso acontece, o pai e a mãe a chamam estimulando para que aprendam andar. Algumas ervas ajudam a criança nessa fase, passadas nos joelhos e cotovelos contribuem para que ela ande mais rápido.

Nesse período, a mãe ensina as primeiras palavras para a criança, como nomes, água e comida. Por sua vez, para falar mais rápido um cipó pode ser usado, contudo por três dias a criança só poderá comer alimentos frios, caso tais cuidados não sejam obedecidos a criança terá febre ou falará demais.

Enquanto a criança é pequena, a mãe sempre estará atenta para que ela não se machuque em casa, aldeia ou rio. Ao crescer um pouco já pode ficar sozinha.

Antes da criança se alimentar, ela deve lavar as mãos com ervas e o local onde ela vai comer deve estar sempre limpo e varrido para as vespas não picarem.

Um dos problemas mais frequentes nessa fase é quando a criança engasga ou o alimento cai no chão, nesses casos, a mãe retira a comida da garganta do bebê e come.

O banho é diário, tanto os adultos como as crianças quando lavam o cabelo utilizam ervas para deixá-los mais escuros. Quando a criança faz muito xixi na rede, a avó indica erva

específica. As unhas das crianças são cortadas com os dentes após os dois anos de vida e o corte de cabelo passados dois meses, em ambos os casos, a mãe deve enterrá-los para que ninguém os pegue

A criança, até por volta de um ano de idade, apenas sente, não ouve ou vê, a mãe não canta para ela, apenas bate delicadamente nas suas costas para fazê-lo dormir e, durante as primeiras semanas, dorme com a mãe, próximo ao seu peito.

Pode ser enfeitada com adereços leves como colar e pulseira. Por sua vez, os pais não podem se pintar caso a criança babe após mamar, a mãe deve limpá-la com as mãos esfregá-las nas coxas, não podendo passar na roupa de outra pessoa para que a baba não saia de casa, pois fará mal à criança.

2.3 Engkwamte – quando começa a andar (1 e 2 anos de idade)

Nessa fase são mantidos os mesmos cuidados de *etpamte*, porém, já comem outros peixes com a autorização dos pais, bem como, demais comidas e caças são misturadas. Algumas variedades de peixes do Xingu como *txowm*, *koti*, *egepak* e do rio Jatobá, tais quais o *mütxetku* ou voadeira, *oywora* ou voadeira pequeno, *pitpirak* ou lambari, entre outros passam a ser consumidos.

A experiência das mães e pais é aprovada pelo fato de que os alimentos recomendados não lhes fizeram mal no passado e, por assim ser, orientam seus filhos. Os peixes que podem fazer mal causando diarreia e vômito são *engkwamte*.

É importante não exagerar no consumo de certos alimentos como *tawa* ou calango macho, pois uma música já adverte para isso, igualmente *kuto* ou rã não é recomendado. Aos pais cabe não digerirem peixes gordurosos e de couro para não envelhecer mais rápido, em especial, intensificando as rugas e os cabelos brancos (PPP, *Ikpeng*, 2010).

Hoje em dia, têm muitos peixes proibidos que são consumidos como *wawy* ou peixe cachorra, *amero* ou tracajá, *mairan* ou piranha de cabeça vermelha.

Figura 6 – Criança com 1 ano de idade começando a andar



Fonte: Parikutu Txicao, 2006

As regras acompanham a vida toda e servem de exemplo para as gerações mais novas. A comida própria aos jovens até atingirem a fase adulta considera *egepak* ou tucunaré pequeno entre outros. Hoje, tanto jovens como adultos, comem muitos peixes indevidos, por isso, não crescem muito.

Quando ficam mais velho, na idade de *Pakpako*, o ancião mais velho da comunidade com seus 80 anos de idade pode comer outros alimentos, mas à medida que envelhece mais, torna a requerer mais cuidados, pois vira “criança” novamente e o estômago torna-se frágil, não suportando alimentos muito fortes, como peixes grandes e caças. São os avós que cuidam dos netos porque conhecem mais a vida de antigamente e todos os bichos que têm música que faz mal

Existem músicas para a avó cantar no colo, a *aki trun* é uma brincadeira cantada na qual a mão do pequeno fica pendurado, o sentido é fazê-la parar de chorar, outras canções são historinhas como a do carrapato, com a finalidade de acalmar o choro e fazer dormir.

Nessa fase, a criança inicia o processo de aquisição da educação por meio da música e da fala, dessa forma, os cantos ficarão em sua memória. No futuro perguntará: “hein vó, como era mesmo aquela música que você cantava?”

A passagem para *yanomate* acontece com o rito de furação de orelha, nessa fase é mais fácil devido ser mais mole, então os pais decidem quando vão furá-la. Quem deu origem à furação de orelha foi o pessoal de *Eptxum*, que é chamado de *purat* ou cascudo. O cascudo tem brinco e na origem nos mostrou, por isso hoje, os *Ikpeng* furam a orelha para usar brinco feito de concha.

São os pais que se oferecem para furar orelha na festa, caso esteja doendo muito cantam a música do *kungkong* e apanham *engwata* ou terra que fica debaixo da fogueira e a coloca no furo com o objetivo de parar a dor.

Figura 7 – Furação de Orelha



Fonte: Kavisgo Ikpeng (2008)

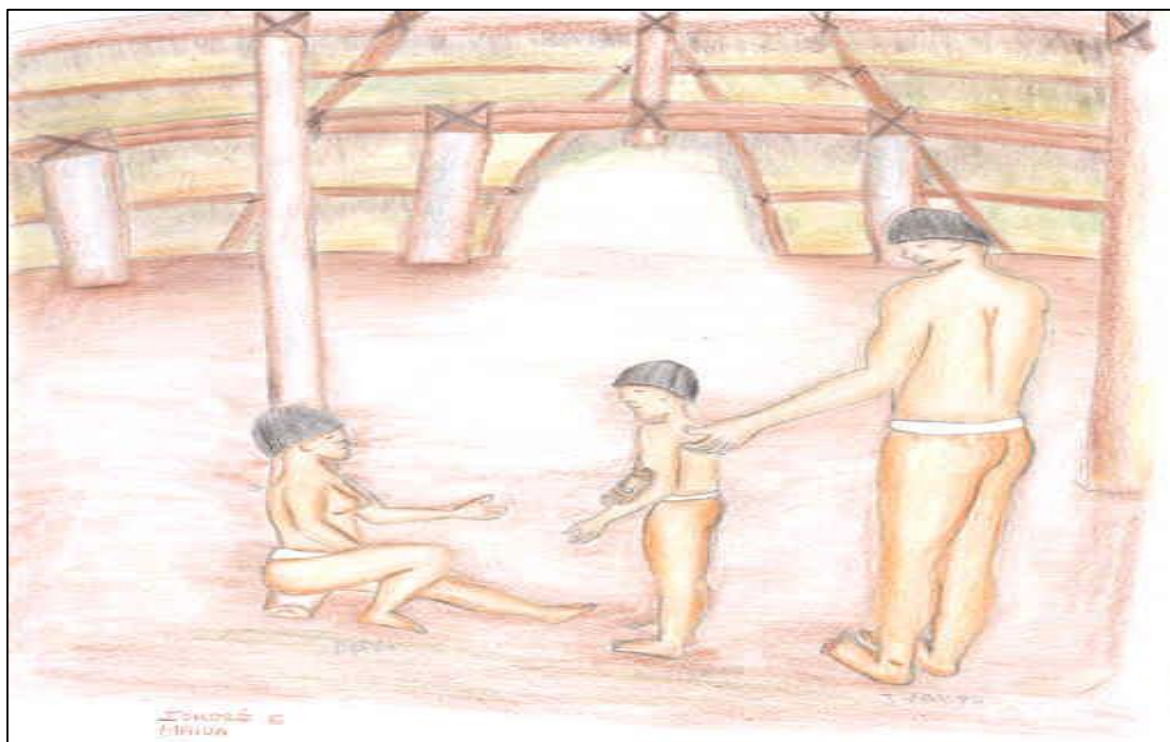
São duas as músicas cantadas durante a furação de orelha por cantores e cantoras. A furação de orelha é a preparação para o uso de enfeites e serve para ficar bonito e se mostrar na festa. Antigamente destinava-se ao sexo feminino, hoje se restringe ao sexo masculino, pois

não estão seguindo o conselho dos pais sobre a estética antiga dos Ikpeng. As meninas não querem mais usar o brinco tradicional, cortar o cabelo em forma arredondada como antigamente, permanecendo comprido. Furar a orelha tem por finalidade acompanhar os outros do grupo no futuro também.

Nessa fase, a criança do sexo masculino brinca apenas dentro e em volta da casa, não fazendo nada sozinho. De forma contínua, segue crescendo e acrescentando aprendizados em sua vida, os meninos acompanham o pai e a menina acompanha a mãe. O menino recebe o aprendizado do pai e aprende observando também, adquirindo conhecimentos de como fazer a flecha, o arco e a borduna para pescarem e caçar juntos. A aquisição de conhecimentos depende da especialidade do pai, se é contador de história, caçador, artesão ou construtor de casa e depende também da curiosidade do próprio *omum* ou seu filho.

A menina *omrem* ou sua filha segue a mãe, observa como faz *meko* ou bolsa, *patxi* ou rede de puxar, *awrat* ou rede de dormir e *maku* ou algodão, aprende a ir para a roça, carregar mandioca, cuidar do irmão pequeno, contudo, não é obrigada a isso.

Figura 8 – Criança brincando em casa



Fonte: Arquivo do pesquisador, 2015

2.4 Festa Moyngo

A tatuagem é um ritual de iniciação do jovem. Realizada na festa *Moyngo* denomina-se *Pomeri*. É importante situar que o todo social Ikpeng foi mostrado por *Eptxum* para *Maragareum*, e esse ensinou os Ikpeng. Mostrou a tatuagem, a furação de orelha, as músicas, as flautas, as guerras e suas músicas. Durante a festa *Moyngo*, os pais do tucano o tatuaram e foi assim que *Maragareum* viu a tatuagem.

O menino respeita a mesma dieta que os pais tiveram quando eram *entpamte* e fica um tempo sem o cortar o cabelo para ficar comprido, e é *Wokyoro* ou o dono da festa *Moyngo* que decide quando será cortado, após o padrinho analisar se o menino cresceu. A tatuagem tira a preguiça também.

Antigamente as mulheres eram tatuadas para ficarem bonitas, crescerem fortes e com rapidez e cumprirem as regras. Essa era a estética Ikpeng, hoje em dia, é raro a mulher ser tatuada, porque preferem usar as outras pinturas do Alto Xingu, não se sentindo bonitas com a tatuagem Ikpeng. O menino deve ser tatuado para ficar bonito e crescer rápido, não pode comer peixes de couro como *aro*, *yalak*, *egero* e com gordura. Não pode tomar *pĩtxa* ou perereba, usar *atxa* ou pimenta e sal. Para banhar-se, não é permitido mergulhar e molhar o rosto. A tatuagem é muito importante na sociedade Ikpeng, quem não é tatuado é mal visto, ficará com rosto envelhecido e feio, será chamado de *etxiwogaru*, a tatuagem lhe garante a vida para não *koemiktoret* ou morrer.

Figura 9 – Fotos do menino sendo tatuado





Fonte: Araver Txicão (2008)

Figura 10 – Crianças Ikpeng Dançando na Festa Moygo







Fonte: Fotos de um *blog* de jornalista

Figura 11 – Crianças *Ikpeng* enfeitadas para a festa



Fonte: <http://www.socioambiental.org>

2.5 *Angpi*: criança começa a andar (até os 11 anos)

Esse período diz respeito a criança quando começa a andar, já entende, sabe falar, mas ainda fica sujo. Essa fase vai aproximadamente até os 11 anos. O menino será tatuado entre os 8 e 9 anos, em um rito de passagem, a partir do qual passará a seguir regras de comportamento. Quando é tatuado não pode ingerir comida gordurosa, peixes de couro, frutas e perereba de mandioca doce. O cumprimento das regras é parte de sua educação, não podem mais chorar, não é permitido namorar, é proibido bater nos irmãos e deve-se obedecer aos pais. E ressalta-se, para começar a conhecer deve acompanhar a pescaria, caçada e demais trabalhos.

2.6 *Yanowante*: (entre 11 e 12 anos)

Nessa classe de idade, existem várias fases, ela se inicia quando o menino tem 11 ou 12 anos, nesse período passa ser mais exigido, deve respeitar mais, adquirir maior confiança dos pais e da comunidade, deve obedecer a qualquer pessoa, respeitar, ser gentil e generoso.

Os pais devem cuidar bem deles, sua comida é separada e não pode ficar sendo tocada, bem como, sua rede. Nessa fase, os pais começam a desconfiar que ele esteja namorando, por isso, começam a proibir certos alimentos que prejudicam a menstruação da menina. Com isso, ele poderá namorar, confeccionar artesanatos, fazer sua própria flecha, sair sozinho, cantar as músicas e entender o próprio nome e os nomes de sua família.

É na classe *yanowante* também que a homem se casa e tem filhos. Ao se casar, pode ir para a casa da sogra ou ficar na casa da mãe, a situação depende de levar sua rede ou trazer a rede da menina para sua casa. Contudo, enfatiza-se, anterior ao casamento deverá mostrar e aplicar seu aprendizado, derrubando a roça, trabalhando junto com os colegas e acompanhando os mais velhos.

Depois do casamento, mudanças significativas acontecem, como: esquecer os colegas nas brincadeiras para cuidar da família, não depender mais do pai. É responsabilidade dele pescar, caçar e buscar lenha. Deve parar de andar com os amigos, estar sério e, de preferência, acompanhado pela esposa, pode combinar trabalho junto com os amigos, planejar pescaria e buscar benefícios para o bem estar de sua família. O mesmo fará a esposa.

Quando tem filhos deve cumprir as regras da família, respeitar os sogros e os cunhados, podendo namorar as cunhadas, caso não haja ciúmes. Sogro, sogra e cunhados não podem ser chamados pelo nome em sinal de respeito. As regras de alimentação e de comportamento aumentam para garantir a vida do pai e do filho. Perante a sociedade, deverá respeitar e ser generoso com a comunidade para ser respeitado também.

O pai sempre será chamado pelo nome do filho, como por exemplo, *Mutua imi* ou pai do *Mutua*, isso é sinal de respeito e demonstra honrar pelo nome da família. Assim será conhecido como pai de família. Ninguém é chamado pelo próprio nome por ser considerado desrespeitoso, dessa maneira, tem que chamar *Mutua ramru* ou avô do *Mutua*, *Mutua ye* ou mãe do *Mutua* e *Mutua nut* ou avó do *Mutua*.

Aos meninos cabem cuidados à parte, devido à tatuagem no rito de passagem para fase da adolescência recebe orientações sobre suas responsabilidades, comportamento na aldeia, com os pais e pessoas mais velhas da comunidade enquanto parte das regras a serem cumpridas. Nessa fase, os jovens iniciam a preparação do futuro casamento, aprendendo a pescar, caçar,

fazer roça, construir casa, fazer artesanatos e plantar roça. Enfim, trabalhar para depois que casar estar plenamente preparado para cuidar dos filhos da esposa e dos sogros.

Figura 12 – Criança com cocar de pena de garça e colar de dente de capivara



Fonte: José Luiz Medeiros, 2015

No ritual de tatuagem, as meninas também são tatuadas e seguem as mesmas regras dos meninos, enquanto processo de educação e rito de passagem para fase da adolescência.

As meninas ainda passam por outra fase, a da primeira menstruação, período em que ficam em reclusão por alguns meses recebendo cuidados específicos, apenas os pais, avós e irmãos podem vê-la. Demais regras têm que ser cumpridas, como não conversar com outros colegas, sendo permitido apenas com os pais, é impedida de brincar com as crianças, deve preparar o beiju e o mingau para seus pais e de forma geral cuidar deles. A sua alimentação é separada e somente para elas e utilizam-se ervas medicinais para crescer e desenvolver o seu corpo. O ritual é um preparo para vida adulta quando casar e ter filhos, com essas práticas saberá fazer diversas atividades relativas aos cuidados com seu marido, filhos e sogros

2.7 *Omimaktet*: Fase dos 40 anos

Nessa fase, o homem é avô e passa a transmitir muito conhecimento e ensinar os netos contando histórias. A sua visão é mais ampla para cuidar dos filhos de seus filhos, passa a gostar e proteger mais os netos do que os filhos e se dedicando mais a eles.

O homem pode dirigir os trabalhos na comunidade e ser procurado para orientar sobre as regras da vida. Nessa fase, oferece seu nome aos netos para então ser chamado de *Nawakinut* ou avô do Nawaki e Furiga (*ramru*) ou avô do Furiga. A partir desse momento, é respeitado como responsável e líder. Aquilo que foi por ele praticado quando jovem, agora mais experiente, fará com muita habilidade, como, por exemplo, construir a casa, cantar e contar histórias, confeccionar artesanatos e enfeites, invariavelmente, podendo se especializar em uma ou duas atividades.

Nesse período, o homem pode cantar na casa *Yay Emetpot* que é *Egaro*, trata-se da música de cada família que a protege de *imere* ou trovão, nesse local seu canto é ouvido e aprendido paulatinamente por seu filho. Caso o canto não seja entoado, a chuva forte e o trovão permanecerão e a sua família ficará com medo.

Dessa maneira, o aprendizado recebido em sua família é transmitido por gerações.

2.8 *Angpokeptu*: Fase dos 60 anos

Nessa fase, ele já tem bisneto, não faz muitas coisas e não pode mandar mais, sendo assim, pede para outras pessoas mandarem nos jovens. De forma costumeira, fica no centro da aldeia, oferece maior atenção aos jovens, dorme pouco, por volta das 23 horas e acorda às 3 horas para começar a cantar ou contar histórias.

As histórias contadas versam sobre a sua juventude, namoradas e os filhos desses namoros, acerca disso não tem mais vergonha e ninguém fica bravo, bem como, pode namorar livremente. Toda alimentação que deseja lhe é permitida, qualquer peixe e macaco. Essa é a fase da sabedoria, ele já não pratica mais, já passou para os filhos e para os netos, e agora apenas orienta.

2.9 *Ekiri*: Fase de 80 anos

Nessa fase ele pouco levanta de sua rede, precisa da ajuda dos filhos, netos ou bisnetos, não enxerga bem, ouve pouco, quase não fala bem e por muito tempo fica acordado. Por esses

motivos, passa a ser cuidado como criança. Ele é respeitado na cultura Ikpeng, pois chegou bem e sem doenças nessa fase, tendo obedecido todas as regras durante a sua vida.

CAPÍTULO III – ASPECTOS DA CULTURA DA CRIANÇA

3.1 Regras relacionadas às crianças pequenas

As informações aqui analisadas foram inventariadas no Encontro de Mulheres, realizado no período de 2 a 6 de novembro de 2007, estando presentes as anciãs Aire Ikpeng, Iríwa Ikpeng, Yakupe Ikpeng, Aguiwo Ikpeng

Segundo as anciãs, os pais não podem ter relações sexuais até a criança andar. Não podem comer *api*, mangaba, oiti, murici e *mengkwa* ou flor de café brava, essa provoca a conjuntivite e, a partir dos 6 meses da criança, já podem comer buriti. É indevido o consumo de peixes grandes como o pintado, pacu, piau e matrinxã, caso sejam digeridos pelo pai, mãe ou pela criança, eles podem ter febre, diarreia e até tumor no peito, cabeça e outras partes do corpo. Apenas peixes pequenos como piranha, acará, entre outros são permitidos.

O pai não pode plantar roça, derrubar a mata, cortar palha, construir casa, cavar buraco e nem enterrar nada. É proibido bater timbó, isso ocorrendo, a criança ficará sem respirar, bem como, fazer cesto como o *meko*, *pati* (fibra de buriti e tucum), pois poderá dar diarreia.

O pai deve sair para caçar apenas animais autorizados, mas não pode comê-los. Também não pode olhar para bicho preguiça ou *wago*, porco espinho ou *ewaro* e cobra ou *ogoy*.

Quando o pai demora voltar da caça ou da pesca, a criança chora muito. Ao retornar, deve queimar os pelos da perna e passar com a mão no corpo da criança.

Durante esse período, a mãe não deve fazer esforços físicos, artesanato ou preparar perereba que é um mingau de mandioca doce e beiju. Ela apenas o fará, caso não tenha ninguém para prepará-los. Sua alimentação deve ser leve como o mingau e o resguardo dura até ser liberada pela avó, por sua vez, o do homem será até o umbigo cair, entretanto, no início pode sair um pouco para não ter dor nas pernas.

A avó não pode carregar a criança com muita frequência, pois quando for para a roça levará junto o espírito do bebê que poderá se perder nesse local.

Ao completar seis meses, a criança pode sair de casa. Entre os oito ou nove meses já acompanha os pais na pescaria, caso faça xixi ou *etxiktet*, deve ser coberto com terra e o cocô deve ser levado de volta para casa. Quando os pais acampam, antes de voltar para a casa, devem fazer uma oração para a criança e pedir que o espírito dela volte junto para a casa.

Caso parentes como tias, primas, tios e primos peguem a criança, ao entregá-la para a mãe, devem devolver também seu espírito. Quando a criança cai, a mãe faz um pedido para que

ela não se assuste e não tenha sonhos ruins, o susto tem que passar para o jacu ou jacutinga. Se o pai ou a mãe tem sonho ruim, não podem contar para ninguém para não fazer mal a criança e, se for pesadelo, deve chamar o pajé para ajudar.

Quando o pai tem diarreia ou outra doença, ele não pode pegar o filho, o mesmo ocorre quando o filho está doente, pois levará seu espírito junto. A criança, ao ser levada doente pela mãe a UBS piora, pois o espírito dela fica lá. E também, quando o pajé reza para a criança doente ela não pode sair de casa, devido ao fato de que o cheiro de fumo do pajé que protege o espírito da criança atrai espíritos ruins e ela piora.

3.2 Os cuidados necessários para garantir um bom crescimento e formação da criança: a comida certa para a criança do nascimento até aprender a comer

No primeiro dia de vida, a criança recebe leite materno e a mãe precisa comer mingau, beiju, alguns tipos de peixe, como carazinho e tucunaré e, ainda, pássaros como jacu, jacutinga, jambú, entre outros. Quando começa a engatinhar, a criança chora pedindo comida e pode comer alguns peixinhos e pássaros, e sua mãe lhe dá também água e mingau, que será amamentado no peito até dois ou três anos, dependendo da idade do irmão mais velho.

Procurando desmamar a criança, a mãe pode utilizar os seguintes meios: ensinar a criança a comer outros alimentos, passar uma raiz amarga no peito para que a criança sinta o gosto e deixe de mamar, isso quando a criança não quer parar, dizer que no leite tem minhocão e que irá pegá-lo, ficar com a mama vazia e a criança não conseguir sugar e assim parar de mamar. Esses dois últimos casos ocorrem quando a mãe está grávida.

Para ter bastante leite, a mãe toma mingau do palmito de tucum ou come ralado. A *agró* ou massa de mandioca também é usada. Quando a criança começa a andar, ela já pode comer frutas, com exceção do *api* e outros tipos de peixe.

Após três anos de idade, a criança já pode comer sozinha, em cuia ou cesto pequeno, mas não come peixes com muito espinho. Conforme a criança cresce, por volta dos 8 anos passa a comer peixes grandes, menos o matrinxã. Com doze anos, é possível comer piau, pacu e tucunaré grande, essa alimentação permanecerá até quando o jovem se casar. Caso essas regras não sejam seguidas, sentirá muito frio e seu cabelo ficará branco,

Geralmente a criança aprende a andar e comer sozinha para mãe poder ter outro filho, assim, ela não chora, mas atualmente essa condição não é mais respeitada. No dia que nasce o irmãozinho, a criança mais nova pode comer apenas mingau e não pode tomar banho no rio até

o umbigo do irmão cair. Caso isso aconteça, o bebe terá alergia, se comer carne chorará muito e terá febre e comendo perereba terá diarreia.

Quando a mãe ou a avó não pode cuidar da criança pequena, o pai, a tia ou a irmã mais velha cuidarão dela. Caso a criança não queira comer, a avó também não o faz, pois não se pode comer sozinha e a criança tem que comer.

A comida de branco pode ser oferecida desde cedo e não existem regras. A criança come biscoito logo que começa a pedir comida. Além disso, ela toma café com açúcar, leite, refrigerantes, suco, balas e sal. Atualmente a criança não come alimentos que não contenham açúcar, especialmente, nas famílias em que um membro trabalha como servidor público como professor e agente de saúde. A inclusão diária do “alimento de branco” é comum, particularmente, no consumo de café com açúcar.

3.3 As doenças mais comuns das crianças segundo o conhecimento do povo

A primeira doença é a febre ou *irumun*, a qual a avó diz ser normal pelo fato da criança estar crescendo e ganhando peso, passa logo e servirá para ficar forte. Para diminui-la, a mãe esquenta a mão e passa sobre o corpo da criança.

A ferida na boca bastante corrente é devido ao pai ou a mãe haverem comido cabeça de ave ou de peixe. O tratamento é a mãe passar urucum ou fibra de planta, sendo também utilizada como sabonete.

A diarreia acontece quando a criança é maior e, ao engatinhar, coloca a mão na sujeira e depois na boca, e também quando o pai mistura várias comidas. No tratamento, utiliza-se o ingazinho ou *moropó*, erva, semente de ingazinho ou cipó. Durante esse período a criança come mingau preparado pela mãe ou avó e bebe água, o que piora a diarreia pelo fato da mãe ter oferecido muito para criança comer.

As feridas no corpo ocorrem quando não lhe dão banho, o que pode ocasionar coceira, sendo gordinha pode ter rachaduras nas dobras. Caso o pai corte o broto de buriti quando a mãe está grávida, a criança nasce com elas. Quando a mãe grávida ou o pai comem mel, a criança nascerá com coceira.

Para tratar as coceiras e feridas quando a criança é pequena, utiliza-se o urucum e, quando é maior, outras ervas como *mangrá*, *alapa*, *camara*.

A conjuntivite ocorre na criança pequena quando a mãe mexe com o urucum, por vezes, quando entra cabelo ou outro “objeto” no olho da criança, nesse caso, a mãe passa leite materno no olho da criança para tratar e deixa o local sempre limpo, lavando com água.

As doenças mais graves são aquelas provocadas pelos espíritos, quando a mãe leva a criança para algum lugar longe da casa no qual faz xixi ou cocô, fazendo com que os espíritos *Epigó* ou *Peregimpó* se sentam nesses nestes dejetos para certamente fazer mal à criança, por isso, as fezes são sempre enterradas.

A avó ou o pajé, em qualquer caso de doença, é responsável pelo cuidado da criança.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As fases da vida Ikpeng e as práticas de criar os filhos entre os Ikpeng e ainda não tinham sido estudadas no médio Xingu, no município de Feliz Natal - MT

Esse estudo é pioneiro e abre caminho para novos pesquisadores complementarem com outros estudos, levando em consideração as fases de vida Ikpeng, como criar filhos entre o povo Ikpeng, decorrente dos casamentos com diferentes povos do Xingu.

Neste trabalho, procurei descrever as fases da vida, mostrando a relação das regras de criar filhos entre os Ikpeng. As novas gerações não estão respeitando, não estão seguindo as regras de criar seus filhos, desse modo, com este estudo procurei mostrar a importância de seguir as regras de criar os filhos para viverem e crescerem saudáveis.

No processo de aprendizagem individual dos jovens que se casam muito novo, é importante seguir as regras de como criar filhos para sociedade Ikpeng.

REFERÊNCIAS

Projeto Político pedagógico Ikpeng (2010).

CONSULTORES NATIVOS

Oporike Ikpeng

Kampot Ikpeng

Aire Ikpeng.